

Um sítio sem fronteiras

Considerado o melhor programa de televisão para crianças, volta a ser exibido O Sítio do Picapau Amarelo que, apesar do tempo transcorrido, mantém todo o charme e interesse

Wagner Carneiro

“**M**armelada de banana, bananada de goiaba, goiabada de marmelo: Sítio do Picapau Amarelo”. Era impossível tirar a criançada da frente da TV quando Gilberto Gil começava a cantar o primeiro verso da música tema de um dos programas infantis de maior audiência da televisão brasileira. *O Sítio do Picapau Amarelo* – resultado de um convênio entre a Rede Globo, TV Educativa e Ministério da Educação e Cultura – baseado na obra do escritor Monteiro Lobato, está de volta depois de nove anos. A série vem sendo exibida agora pela TVE. Mas será que as crianças de hoje terão o mesmo interesse que tiveram os petizes de outrora?

Projetado basicamente para a idade pré-escolar, mas atingindo todas as

faixas etárias e sócio-econômicas, a realização do programa foi apoiada por equipe especializada em lingüística, ciência, educação, psicologia, pesquisa e sociologia. Entretanto, o *Sítio* não tinha a pretensão de ser didático e podia trabalhar com todos os sotaques e formas de falar. Sob direção de Geraldo Casé, com textos de Paulo Afonso Grisoli e Wilson Rocha, a série televisiva teve uma produção complexa, que obrigou os produtores a tomarem cuidado com os mínimos detalhes.

“O grande esforço nosso foi de desenvolver o projeto seguindo diretrizes e obedecendo parâmetros adotados em função da finalidade principal do programa: o entretenimento. Mas o *Sítio* foi tão bem elaborado que as dificuldades se limitavam ao desenvolvimento da produção em função de cada história, coisas que a gente enfrenta em qualquer projeto de TV. Também tive-

mos alguns trabalhos extras para desenvolver o conteúdo, a adequação lingüística dos diálogos, o comportamento psicológico de cada personagem e a definição do papel de cada um deles. Esses fatores foram levados muito a sério, mas não foram obstáculos”, admite Geraldo Casé, atual diretor da Divisão de Programação Internacional da Rede Globo.

O universo paralelo criado por Monteiro Lobato e gravado para a televisão entre 1976 e 1985 encanta igualmente crianças e adultos, que não resistem às viagens fantásticas pelo mundo do faz-de-conta, recheadas de inúmeras surpresas – para entretenimento com um conteúdo de informação e instrução, sem se transformar em programa didático. “Sua proposta inicial

A boneca Emília e a menina Narizinho são personagens incorporados à cultura brasileira



Cuca, o boneco vilão

Bonecos, técnica e arte

Os bonecos são todos brasileiros, criados por Rui de Oliveira e Marie Louise Nery a partir da narrativa de Monteiro Lobato. A criação deles tornou-se complexa pelas características diferentes e a originalidade que cada um exigia. Alguns foram fabricados nos Estados Unidos por falta de *know-how* brasileiro na movimentação.

O conjunto do *Sítio do Picapau Amarelo* envolveu a cenografia, os figurinos e os bonecos. Com a intenção de criar uma unidade gráfica, em toda a informação visual do programa foi feito um estudo de cores, tomando como base um único tipo de tinta: a ecoline. Todos os cenários e figurinos ficaram sob a responsabilidade de Arlindo Rodrigues, que se empenhou para reproduzir visualmente o mundo mágico criado por Monteiro Lobato, o que permitiu que, através de fantasias, se tivesse uma idéia aproximada dos personagens como, por exemplo, os do *Reino das Águas Claras*.

Foi uma verdadeira ginástica. O mundo infantil de Lobato exigiu o esforço de todos. O *Pequeno Polegar*, que só poderia aparecer em *chroma-key*, o *Marquês de Rabicó*, que é interpretado por um leitãozinho, *As Caçadas de Pedrinho*, que foram gravadas com animais de verdade, no Jardim Zoológico do Rio, enfim, toda a realização se tornou complexa a partir da utilização de efeitos especiais para diferentes dimensões, além da necessidade de um professor de expressão corporal para ajudar no comportamento dos bonecos.





O autor e suas obras

José Bento Monteiro Lobato usou a arte como tribuna para defender suas idéias e destacou-se por não temer dizer a verdade numa época de repressão. Com mais de 30 livros publicados e 5 milhões de exemplares vendidos, Lobato ainda teve sua coleção de 12 livros do *Sítio do Picapau Amarelo* anexada ao acervo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), juntamente com a série exibida na televisão. Esse paulista de Taubaté nasceu em 1882, se formou em Direito e colaborou, ainda estudando na universidade, em vários jornais.

Somente seis anos mais tarde escreveria seu primeiro livro: *Urupês*, que iniciou uma obra que teria 13 volumes de livros adultos e mais 22 de literatura infantil. O *Sítio do Picapau Amarelo* foi o refúgio paradisíaco de Monteiro Lobato. De *Reinações de Narizinho* até *Os Doze Trabalhos de Hércules*, as obras infantis do escritor são o elo perdido entre o sonho mais impossível e a realidade mais cotidiana. Para ele, o pó de *pirlimpimpim* e os bolinhos de Tia Nastácia são perfeitamente aceitos e não precisam de explicação lógica – assim como sabugo de milho, boneca de pano e animais que falam sem surpreender os moradores do *Sítio*.

A liberdade da infância se resumia em Pedrinho e Narizinho, além de personagens convidados. A brutalidade humanizada inspirou a criação do rinoceronte Quindim e a gula do Marquês de Rabicó. Emília é Lobato criança e também adulto. Segundo ele próprio, “é a idéia liberta de convenções; nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir”.

Aos 66 anos, no dia 5 de julho de 1948, Monteiro Lobato deixou a vida e foi para o “país da fantasia, no estado de euforia, cidade polichinelo: Sítio do Picapau Amarelo”.

era de complementar o ensino primário através do MEC. Esse objetivo foi desenvolvido durante os três primeiros meses da série, mas não foi finalizada”, conta Casé.

Ontem e hoje – Nos nove anos em que esteve fora do ar, o *Sítio do Picapau Amarelo* não caiu no esquecimento. “Durante esse tempo, as pessoas sempre me perguntavam na rua se o programa iria ser reprisado”, conta a atriz Zilka Salaberry, que vivia a vovó Dona Benta. Zilka, hoje no alto dos seus 77 anos, diz ainda que está muito satisfeita com o convite feito pela TVE para apresentar os episódios, mas tem dúvidas quanto à audiência da série nos dias atuais. “As crianças que nos assistiam naquela época agora têm filhos que poderão nos conhecer. Mas não sei se as de hoje terão o mesmo interesse”, conta.

A atriz Rosana Garcia, que encanta os telespectadores com as aventuras da esperta menina Narizinho, acredita em um novo sucesso do programa. Com dois filhos – Fernando, de 9 anos, e Carolina, de 12 – e a felicidade estampada no rosto, Rosana ficou encantada com a novidade. “Meus filhos só tinham assis-

tido uma fita em que eu quase não tinha participação. Mas sempre contei as histórias do *Sítio*. Agora, eles não perdem um capítulo sequer”, revela.

Para Geraldo Casé, toda a geração que assistiu ao programa foi criada dentro de um ritmo diferente das crianças de hoje. Contudo, ele afirma que, sendo bem narradas, atraentes e tendo os componentes necessários para agradar ao público jovem, as histórias do *Sítio* são eternas como os contos dos irmãos Grimm. São histórias atuais para sempre.

Evidentemente, como um produto veiculado para a TV, sofre com as consequências do tempo, pois a produção e a tecnologia de 20 anos atrás eram inferiores se comparadas com os recursos dessa década. “Quanto às crianças que hoje assistem ao programa, a partir do momento em que se ligarem à narrativa e à história, eu creio que se interessarão e ainda influenciarão outras”, ressalta Casé.

A possibilidade de uma nova versão do *Sítio* foi descartada por Geraldo Casé. Segundo ele, uma regravação exigiria produção muito onerosa e dependeria muito do processo a ser desenvolvido. “Não vejo a menor chance disso acontecer”, afirma o diretor, responsável pela consultoria para escolher os 123 capítulos que estão sendo exibidos desde o dia 10 de outubro passado.

Quanto às críticas – positivas e negativas –, Casé contou que todas são procedentes, mas rechaçou as que procuram comparar os recursos daquela época com os de hoje sem levar em conta as histórias e a obra de Lobato. “O Telmo Martino, por exemplo, foi muito apressado e ainda escreveu Tia Anastácia quando o personagem de Jacira Sampaio chama-se, na verdade, Tia Nastácia. Alguns críticos têm uma visão totalmente distorcida da série e poucos conhecem os livros de Monteiro Lobato. Se for comentar os textos desses críticos vou encontrar tantas inconveniências e tantas coisas mal focalizadas que dariam para escrever uma tese”, resume. ■

Em cena,
Lúcia Alves,
Gracindo
Júnior, Julio
Cesar, André
Valle e Reny
de Oliveira

